

## Academia e Ciência - ou o elogio da *Academêcia*

José Jacob Cabido

Arquitecto, Professor Auxiliar da F.A.U.T.L.

[jacobcabido@fa.utl.pt](mailto:jacobcabido@fa.utl.pt)

Um leitor atento e crítico interessado das últimas *Artitextos*, entendeu enviar-me por e-mail a sua opinião sobre os artigos de minha autoria aí publicados. Dizia-me ele que não tinham nem o timbre académico e, menos ainda, o lastro científico (estes termos são meus e, por isso, mais cordatos), que justificassem a sua publicação num veículo que se quer com o peso, responsabilidade e dignidade exigíveis numa edição universitária.

Deu-me, por isso, a possibilidade de manifestar-lhe o meu agradecimento pelo comentário que, para além da frontalidade de uma opinião negativa, revelava interesse, disponibilidade pessoal e robustez intelectual; elementos fortes num debate entre opostos.

Face àquelas observações que, por certo, terão acolhimento junto de outros leitores, cabia-me uma de duas alternativas: se concordasse, devia reequacionar a lógica dos textos (na forma e na substância) e redireccionar o sentido das minhas comunicações. Se não, devia tornar claras e justificadas as razões do desacordo. Foi o que fiz. Primeiro, em exercício introspectivo e agora, como expressão pública dessa reflexão.

Dito isto, continuo convencido de que factor determinante para a publicação dos artigos, será o juízo sobre eles formulado e a sua eventual aceitação por parte desta comissão editorial da *ArtiTextos* a quem reconheço, para além da legitimidade, a competência para tal.

Cruzamos tempos estranhos, que têm tanto de fascinantes como de perigosos, e mais arriscados se tornam quando o abismo que defrontamos é hipnoticamente sedutor. Ora, é justamente a circunstância de visarmos um precipício que cremos transponível, que torna tão singular esta encruzilhada no curso da humanidade. Pela primeira vez desde o começo da nossa aventura como seres «eleitos», estamos cientes da mais do que provável iminência de um desastre potencialmente catastrófico para a espécie.

Ao mesmo tempo e na tentativa de apaziguamento geral, desenvolvemos a presunção de possuímos os meios para o evitar mas, tal qual os ébrios, hesitamos muito em decidir sobre quando e o que realmente fazer.

É claro que não me refiro a decisões individuais, embora elas sejam factores indiciadores de uma primeira e muito importante consciência do dilema, mas à assumpção de um (o termo *desígnio* não me é simpático) rumo colectivo.

E afinal de onde nos vem esta fé na capacidade de superação da actual pré-hecatombe? – Simples: da crença no «Homem» e da crença na “Ciência”.

Se já acreditámos numa trindade, agora preferimos um dueto. Pois decorre daqui, justamente da essência desta dupla, o meu pessimismo e as mais sérias desconfianças sobre o porvir.

Num passado nada distante, perante situações de dúvida ou aflição, o homem procurava o resguardo e as respostas na religião. No Ocidente, quando fôr possível fazer a completa (e a verdadeira) história da Igreja Católica, ter-se-á a noção da exacta dimensão do brilho que a nossa civilização logrou alcançar, a despeito da sua religião.

Recordemos a autêntica amnésia científica e a obliteração do conhecimento, que foram impostos pela ortodoxia da cúria romana durante mais de dez séculos. Neste período a ciência clássica greco-romana foi pura e simplesmente banida, para que fosse possível enquadrar a visão do mundo “d.C.” e pô-lo de acordo com os novos cânones dos claustros e paços bispais. A ciência foi negada, mas não os mitos que foram bem incorporados e muito utilizados. Mas isso daria para um outro texto.

A estupefacção de verificar que o modelo estabelecido 500 anos antes de Cristo pelos gregos, de um mundo em forma de globo, constituído por dois hemisférios; cartografado por meio de paralelos e meridianos que definiam a latitude e longitude de um ponto terrestre; em que a medida do diâmetro da Terra e do perímetro do equador foram calculados com surpreendente precisão muito antes de Ptolomeu de Alexandria; ter de reconhecer que este conhecimento se pôde transformar – numa pungente regressão civilizacional – em algo parecida com um prato de bordos calcinados pelas labaredas do inferno e carregado às costas por uns monstros terríficos, é dolorosamente confrangedor.

Depois dos maiores doutores da Igreja recém estabelecida – de Santo Agostinho a Isidoro de Sevilha, do venerável Beda a São Bonifácio – terem assumido a catequese do embuste, restava apenas aos geógrafos e cartógrafos cristãos a imaginação delirante, para dar expressão a todas essas piedosas fantasias. E não se pense que esta foi uma pecha do catolicismo apenas. O protestantismo foi, mais tarde e noutros casos graves, ainda mais obscurantista.

A credence na leitura e interpretação literal dos textos religiosos – que perdura ainda hoje em vastas franjas do islamismo (constituídas em autênticos «cavalos de Tróia», que ameaçam com idênticas, ou ainda mais graves consequências, a Europa) – inquinou e atrasou o conhecimento ocidental por gerações. O mesmo está a acontecer às sociedades subjogadas hoje por tal credo, que instila ainda as únicas teocracias do século XXI.

Os primeiros sábios e pensadores que ousaram pensar pela própria cabeça e tiveram a audácia de o afirmar, pagaram muito caro pelo seu acto. Tudo o que não cheirasse ao tísico incenso dos monges, bispos e abades, estava irremediavelmente condenado ao calvário e ao martírio, por heresia.

Como foi possível que toscos, muitos deles analfabetos, iluminados apenas por uma “luz divina”, quem sabe se na forma adequada de “*línguas de fogo*”, tivessem conseguido que múltiplas áreas do saber, assentes em princípios rigorosos de observação científica, com registos metódicos e continuados, fundamento de cálculos elaborados e complexos de sofisticada geometria,

matemática e trigonometria, fossem rejeitadas e varridas da cultura oficial com o anátema de pagãs, só porque eram anteriores em trezentos anos ao nascimento do Salvador?

A ciência europeia medieval e renascentista, está assente num martirólogo ainda hoje muito pouco reconhecido pela generalidade dos actuais beneficiários; que somos todos nós. O seu triunfo não foi sobre a ignorância, mas sobre a cegueira do fanatismo. Começou, não por descobertas, mas por redescobertas. Suplantou, não o vulgo, mas as elites castradoras das mentes e das consciências.

Consumou-se pela soma de jornadas individuais de alto risco pessoal e não por acções concertadas de “irmãos de armas”.

Aqui desaguados caberá perguntar, muito legitimamente, a que despropósito vem toda esta arenga? – é que acabei, sem querer, por vos fazer o meu retrato da grande religião da pós-modernidade – a ciência.

Depois de perdida a velha crença na *Providência*, necessitámos de nos render à magnanimidade da nova *Ciência*.

Na falta de outros esteios morais e culturais, o movimento de regeneração da dignidade individual do homem, desencadeado pela plêiade de sábios europeus a partir de Trezentos e que afrontaram numa resistência pacífica a soberba teológica (a que Ghandi, para além de Galileu, bem poderia dar rosto), esse movimento acabou por degenerar na criação de um novo ídolo de pés de barro; aquele a que hoje nos rendemos.

Desfeita a ilusão do incenso e da estearina, tudo o que hoje não cheire a engenharia, a nanotecnologia, a ciência biomédica, a microinformática, a tecnologia da imagem, da informação e da comunicação, à química ou à física do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, não presta. E não presta porque não é vendável. Não o sendo, simplesmente não existe.

Elevámos aos altares os modernos aprendizes de feiticeiro. Estes homens de ciência (por onde andas, querido Gedeão?) deram-se em reabilitar a vaidade dos cardeais. Se questionados, reagem com afectação. Se não são atendidos – e cada vez se tornam mais insistentes e exigentes (é o *dízimo* na forma de verbas e financiamentos) – ameaçam com novas “pragas bíblicas”. Se incompreendidos, insistem em tornar-se ainda mais ininteligíveis. Se contestados, o epíteto de *velho do Restelo* ou, melhor ainda, o ferrete de *reaccionário*, equivalente ao infamante “herético”, é xeque-mate!

Começaram a construir uma irmandade a que se ascende em liturgias iniciáticas, que olha para os pobres ignaros, para já, com complacência e depois... logo veremos. Por ora, estamos ainda na fase do “*perdoai-lhes Pai, porque eles nem sabem o que não sabem*”.

Daqui à nova doutrinação foi um salto. Tal como os pios anacoretas, também estes cientistas começaram por ser uns bem intencionados. Depois, apercebendo-se do poder que tinham e que podiam vender a quem melhor lhes pagasse, tornaram-se mercenários de elite. Hoje fazem parte da corte de todos os poderosos – de Obama a Bin Laden, de Kim Jong-Il a Hugo Chavez, de Kadafi a Putin.

Tal como outrora, a cartilha aponta sempre para o mesmo: a “salvação da humanidade”. Se a manipulação genética dos seres vivos – plantas e animais – abre (sem hipótese de retracção) a caixa de Pandora, os argumentos alinhavados são os da alimentação farta para todos e a cura definitiva das maleitas dos mais de seis biliões e meio de almas. Sobretudo se fôr proclamado que a demanda da alquimia genética visa a erradicação das enfermidades da geriatria, não por acaso aquelas para onde todos queremos caminhar, então quem ousará contestar a benesse e recusá-la?

A hipocrisia científico/industrial só não diz que a *doença* jamais será erradicada (mesmo que tal fosse crível), porque é dela que se alimentam as aristocráticas e poderosas indústrias farmacêutica e de equipamentos médicos e hospitalares.

O mesmo acontece, de resto, noutra actividade de ponta. A indústria esclavagista do petróleo, decidirá só quando lhe fôr conveniente, o fim da dependência da maquinaria mundial dos combustíveis fósseis. Mas esse dia posso eu antecipar qual seja: será quando forem dela as principais patentes dos motores sucedâneos aos de combustão, assegurando a continuação da exploração monopolista do novo factor de consumo massificado.

Como hoje não existe ciência sem indústria, convém igualmente não esclarecer muita coisa. Por isso, deixam-se os consumidores na ignorância dos males e de alguns dos mais inconcebíveis sacrifícios impostos a povos inteiros, das regiões subdesenvolvidas do planeta. Aí, as mega lixeiras e a pilhagem de matérias-primas (quanto mais raras, pior e mais pesado o silêncio), alimentam o criminoso desperdício da *consumocracia* que aquela parelha impôs ao 1º mundo. Reafirmo a minha caracterização dos actuais cientistas como “aprendizes de feiticeiro”. Enquanto se entretiveram em exercícios e práticas diletantes eram inofensivos. Quando decidiram reivindicar um lugar com pedestal no poder, fizeram-no de forma inteligente (como não podia deixar de ser) e calculada (como teria de ser). Aconteceu no final da 2ª Guerra Mundial, quando reconheceram que a “ciência” podia ser muito destrutiva (...) quando em mãos erradas (!); foi ou não foi assim, Albert?

Preparam-se desde então para, paulatinamente, assumirem eles a hegemonia das decisões, assegurando-se que o «poder da ciência» esteja sempre nas mãos certas. Por enquanto, esse poder é detido ainda, por representação, pelos seus acólitos, que como se sabe é o 4º grau das ordens menores. Mas a jornada mansa para a tomada efectiva do poder pela *ciênciocracia* está em marcha desde há algum tempo, e o rebanho olha fascinado o novo pastor e as suas maravilhas.

Tal como há 1700 anos, as promessas são idênticas e, porque afinal evoluímos e tornámo-nos um pouco mais sofisticados, as actuais são até mais aliciantes. Agora já não se promete o paraíso no Céu da outra vida, mas já se pondera propor o Jardim do Éden agora e aqui mesmo na Terra. – Pelo menos enquanto esta nos suportar.

Alguns cientistas sentindo a rédea solta (o que é um facto), tomaram o freio nos dentes e publicitam ao som de fanfarras algumas das mais insólitas degenerações, como se de grandes sucessos se tratassem. O exemplo mais recente é o daquele

“ser” que tendo nascido mulher, quis acrescentar um apêndice de macho à sua anatomia. Consumado o sonho (delírio?), passou à “loja ao lado” para encomendar uma inseminação artificial, tendo ficado prenho(a) de gémeos. Por esta história acarinhada e patrocinada pela “ciência”, ela(e) vai receber o equivalente a uma lotaria para ser o primeiro pai/mãe de dois pimpolhos. Para estes, no futuro, a única dificuldade será decidirem-se por que nome terno irão berrar, recordando à dita criatura a urgência do biberão.

O caminho para o hermafroditismo está aberto. A próxima fase será a de, finalmente, nos tornarmos todos uns angélicos querubins.

Na melhor tradição oitocentista dos espectáculos de estropiados e deformados, mantidos em cativeiro para o gozo soez da plebe, aquilo que pode ter começado num sistema mental e neurológico desregulado, a precisar de reforçada atenção e respeito pela dignidade da pessoa, acabou num grotesco número circense.

Aguardo para ver o colégio de deontologia de uma qualquer Ordem médica, levantar este assunto como uma questão de violação dos limites da ética científica. Mas o silêncio é de chumbo, certamente por não pretenderem a imposição de Ética na ciência.

Para mim a memória de uns doutores de suásticas na bata, que desenvolviam as investigações experimentais sobre o inferno de milhares de cobaias, mantidas em condições infra-humanas, é ainda demasiado presente.

A grande farsa destes Harry Potter's é que para se aquietarem de alguma emergente má consciência, deram em afirmar que os desastres causados (e a causar) pela ciência, serão resolvidos... pela mesma ciência. Bem vistas as coisas, é assim como uma espécie do confessor se ouvir a si próprio em confissão, acabando na inevitável absolvição dos seus múltiplos pecados.

Impõe-se-me, todavia, uma outra memória. A de reconhecer que nos interregnos do extremismo religioso ocidental, foi possível à cultura e ao génio artístico europeu legar-nos uma herança que é toda ela a redenção dos crimes do seu priorado. Enquanto os clérigos ofendiam os homens na Terra em nome de Deus, os mestres sublimavam a pregação e elevavam-na a Ele, na forma da Grande Obra.

A nossa História das Artes e das Letras, é o maior atestado disso mesmo.

Mas a cultura e o génio artístico foram inexoravelmente exorcizados pelos actuais sacerdotes desta Ciência. Para o melhor e para o pior, a arte precisa tanto do transcendente, quanto a ciência do objectivo, e quando se pretende inverter o princípio deste binómio, há disparate pela certa. Tenta-se a sacralização do profano ou a “ateização” do sagrado.

Porque nem toda a ciência deverá ser aceite como boa, apenas porque o é, como aconteceu no passado é preciso agora coragem, espírito de sacrifício e desprendimento pessoal para afrontá-la e definir-lhe os limites da sua actuação. Esses limites são os de não tolerarmos por muito mais tempo, que se continue a brincar aos deusezinhos.

Haverá, talvez, quem pretenda ver neste registo de opinião um despropósito quase insolente. Bem se sabe que esta é uma publicação da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e que tem por tutela um ministério que, sem sofismas, se designa por Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; sendo que esta ordem dos factores não tem nada de arbitrária.

Tal como não é inocente a remoção da Cultura para o triste e solitário *gheto* para onde foi desterrada.

Sendo assim, qual a razão desta aparente diatribe?

A atitude também não tem nada de original. Creio, convictamente, que deverá ser por “dentro” que esta situação tem de começar a ser debatida e combatida. Não é dado *cientificamente* provado, o valor e a importância hegemónica da ciência, nem na sociedade, nem na Academia actual, por muito que isso interesse aos baronetes da política e da indústria.

Muito pelo contrário. As nuvens que são visíveis no horizonte são de tempestade e a menos que a cultura e o humanismo (um valor intrinsecamente ocidental), sejam chamados a balizá-la, é bem possível que esta tormenta se abata desastrosamente sobre as próximas gerações. Até porque a nova moda da eco-ciência “verde”, tem raízes muito “negras” e ainda não declaradas.

Tal como as Dioceses de outrora, que ao promoverem a “*venda das indulgências*” para encher os cofres da Igreja de Roma, deram início à espiral de descrédito da instituição, também as Academias de hoje se tiverem por objectivo apenas, a “*venda de patentes*” para complementar os depauperados cofres da tutela, bem podem ter começado a cavar já a própria sepultura.

Se nos demitirmos da crítica directa, porque o risco de ostracismo no afrontar do *establishment* universitário e científico é real, se aqueles que têm o conhecimento dos meandros, dos bastidores e dos interesses em jogo no interior do *status quo* (que continuará corporativamente imutável se não fôr frontalmente denunciado), permanecerem calados, então será a cobardia e o comodismo a adjectivarem a demissão e a inacção.

– Martinho deu o exemplo.

Como se poderá deduzir não estou nada, nem predisposto nem tão pouco talhado, para exercícios de textos “*científicos*”, até porque eles são de fácil elaboração. Se não vejamos!

Primeiro, uns pós de erudição especializada (passe o paradoxo), e se ninguém compreender o escrito, maior o estatuto do académico. Depois lança-se mão de uma lista de confrades e de citações ainda não excessivamente vulgarizadas; mas estas convém que sejam de verdadeiros eruditos.

O único perigo no exagerar desta técnica é que ela torna difícil descortinar o pensamento próprio e genuíno do citador, relativamente ao do citado. Mas a isso estamos também já muito habituados.

Em seguida, há-de reconhecer-se que uns gráficos de barras, circulares, de eixos de *xx*, *yy* e *zz*, etc., quaisquer deles hão-de certamente figurar bem num texto científico. Depois temos as abordagens à logística, à estatística, aos percentuais,

às medições, aferições e interpolações várias. Chegamos então aos inquéritos, entrevistas e fichas de sistematização, identificação e comparação.

Como arquitectos que somos, temos também à nossa disposição uma infinidade de imagens de muitos temas, tramas e cores (isto é que é muito aborrecido porque torna cara a nossa publicação). Exercitamo-nos também muito nas montagens – do que era e de como virá a ser. E as antecipações e antevisões? – não falo das velhas perspectivas a aguada, mas da magia que nos trouxe a simulação e a animação, ficando nós a remoer em como nos terá sido possível a existência sem elas. Não prescindimos, igualmente, dos faseamentos, organogramas e cronogramas. Verdadeiramente científica é a intercalação no texto de algumas fórmulas químicas e de umas quantas equações matemáticas, numa semiótica de algoritmos e logaritmos. Atingir-se-á, enfim, a plenitude e o reconhecimento intelectual de predestinados.

Para concluir, o que é básico: não há nenhum texto científico digno desse nome, que não seja escrito no suave idioma de Shakespeare; em qualquer um dos seus múltiplos dialectos, aliás, cuja única nódoa é a de terem dispensado quaisquer acordos ortográficos.

Mesmo assim atrevo-me a recomendar aos que agora se iniciam nestas lides, que se dediquem prioritariamente ao *mandarim*, porque enquanto este tem futuro o outro, sem que o saiba, pode bem ter começado a contar os dias do fim.

Os padrões estão para ser outros.

Se isto soa a desconchavo, atentem no exemplo e se não me acompanham no gozo da ironia: então não é que no momento em que o Vaticano declara a aceitação da ciência proposta pelo “*evolucionismo*” de Darwin – obviamente a reboque do bicentenário do seu nascimento – constata-se o crescimento exponencial do número dos adeptos do “*criacionismo*” bíblico e dos crentes da mãe Eva a transfigurar-se de uma costela do Adão adormecido? Uma destas personalidades é até famosa por ter corrido à cadeira da vice-presidência da mais poderosa Federação do planeta. Sim, essa mesmo!

– Quase apetece perguntar: “*como é possível ser-se prior nesta freguesia?...*”

No rescaldo do que para trás fica escrito, cabe perguntar que relação terá tudo isto com a ARQUITECTURA? Certamente nada, se a considerarmos apenas nas suas vertentes *científicas*. Mas se lhe acrescentarmos a riqueza da complexidade humana e aceitarmos que a dignidade da nossa condição de “*animal espiritual*” é um valor pertinente para a reflexão dos arquitectos, então talvez haja algo que cada um possa vir a depurar e reelaborar, com verdadeira profundidade, no momento solitário do seu acto de criação.

Voltando ao princípio e para dar o nó nas duas pontas desta meada, dirijo-me ao amável leitor que me admoestou. Quanto à “*cientificidade*” das minhas intervenções, admito-me atingido pelo mais absoluto desinteresse. No que respeita ao cumprimento de uma escrita elegante, tal qual se exige neste areópago, obrigo-me ao pedido de desculpas do penitente, confiando na boa vontade daqueles que tenham tido a paciência de concluir a leitura.

**nota 1** – se alguma vez me atrevesse a abordar um texto científico e como prova de que também seria capaz de algumas citações, começaria por uma das mais certeiras de um dos gigantes da grande ciência contemporânea:

*“diz muito sobre a natureza humana que a única forma de vida criada por nós, seja puramente destrutiva. Criamos a vida à nossa imagem”.*

Stephen Hawking, falando sobre os vírus de computador.

**nota 2** – já depois de concluído este registo, tive conhecimento informal de que a *ArtiTextos* será dotada em breve de uma “comissão científica”. Tal aquisição ficará a dever-se (pelo que soube), à necessidade de dotá-la de reforçada credibilidade e para assegurar que os ilustres escribas tenham direito a uns “créditos”, juntando-os ao *curriculum* de progressão na carreira.

Pressinto que este será o meu canto de cisne e porque aqui, afinal, já estou no topo da minha carreira académica, apresso-me nas despedidas.